

Cansei-me desta cultura “gospel”. Cansei-me desta mesmice e emburrecimento do povo que se diz evangélico. Ligo a radio (ainda teimo) e tento sintonizar alguma palavra ou música de esperança. Encontro sempre a mesma coisa, a mesma linguagem, a falta de poesia, a falta de alimento. São pastores que comercializam a fé, são músicas mal-traduzidas que sempre dizem o mesmo. São mensagens que não alimentam. Comida que não mata a fome, só dá mais fome. Cansei-me.

Tento “sintonizar” outra estação nas igrejas também. Mas encontro o mesmo refrão, a mesma retórica. O jargão é o mesmo. Parece que todos os “ministros” e líderes vão a uma mesma escola e voltam com o mesmo conteúdo. São produtos da mesma linha de produção. Onde estão os Luteros deste século? Onde estão os Sérgio Pimentas, que encantava com os cantos de poesia a Deus? Onde estão os artistas que fazem arte a Deus? Igreja tem que ser Museu de Arte e não supermercado. Igreja tem que apresentar o novo a Deus, a expressão de adoração a Deus, em forma de música, dialética, verbo, arte. Igreja tem que alimentar e não sacar.

Igreja tem que apresentar uma linguagem para fora, para os que ainda não encontraram esperança. Observo que as igrejas encham, incham, mas fazem uso de uma arte milenar: a pesca. Pescam em aquários, atraindo para os seus suntuosos reservatórios uma gama de peixes e espécies de outros cardumes. Atraem porque possuem uma mensagem mais atrativa, diriam alguns. Atraem porque sabem vender. Simples assim. A “massa” quer escutar uma mensagem e a igreja que “prospera” é aquela que sabe entender esta necessidade e a formata em um produto consumível e descartável. Isto é marketing. Isto é a realidade da maioria das igrejas em nosso país.

Assim como fizemos com nossa cultura, com nossa música, com nossa arte, importamos tudo, traduzimos toda a mensagem, transliteramos suas músicas e a empacotamos em algo do tipo “Made in Brazil”. Ainda tentamos convencer nossos “irmãos” de que é algo inspirado por Deus... Pode até ser. Mas foi inspirado em outra circunstância, em outro contexto, em outra geografia, em outra cultura, em outro tempo.

Somos a igreja fora do contexto. Brega, piegas. Desculpe-me o desabafo. Cansei-me dos falatórios e repetições que sempre dizem o mesmo sem dizer nada. Ganha crédito aquele que tem a linguagem mais “ungida”. É espiritual aquele que mais fala Améns, glórias e afins em uma sentença. Seguimos “amarrando o diabo” e “restituindo” todas as coisas em nome de Jesus. Infelizmente Ele continua lá fora, esperando que alguns possam sair, com uma linguagem voltada para a pesca lá fora. Seguimos, no entanto, pescando em aquários. Afinal, é mais fácil, e não apresenta risco.

Ontem passei por uma igreja destas, que realizou uma grande pesca nestes últimos tempos. Igreja de êxito, com um crescimento agressivo e vertiginoso nos últimos meses. O local ficou pequeno. Ontem pessoas buscavam freneticamente por uma última vaga de estacionamento. Multidões seguiam impacientemente por um lugar na platéia. Fiquei imaginando o apelo da mensagem. Peixes de aquário correndo para o cardume. Soube depois que era a “noite da profecia”. Estava explicado. Peixes querem comida. E hoje querem-na mastigada, digerida e industrializada. É a geração do aquário Fast-Food.

Não julgo aqui a intenção das pessoas. Mas posso lançar crítica ao papel da igreja. Posso enfatizar a importância do “ide” de Jesus. Quero uma igreja contextualizada, com uma mensagem espiritual, que possa estar sensível ao apelo da multidão. Mensagem para peixes no oceano.

Soli Deo Gloria.

Sidney Cancissu Junior